

## O MINICONTO “PARA QUE NINGUÉM A QUISESSE”, DE MARINA COLASANTI: DA ANÁLISE À PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Josianne Ricarte de Araújo<sup>1</sup>  
Alexandra Maria de Andrade<sup>2</sup>  
Antonia Patrícia de Sousa Costa<sup>3</sup>  
Elri Bandeira de Sousa<sup>4</sup>

### RESUMO

Esse trabalho discute a temática feminina e o relacionamento abusivo no conto “Para ninguém a quisesse”, de Marina Colasanti. Nessa narrativa ficcional, o narrador nos apresenta uma personagem que vive tais abusos, sofre uma espécie de castração de sua identidade por parte de seu companheiro que, tentando reverter a situação, vê fracassados seus planos. O objetivo desse artigo é discutir o alcance crítico da citada narrativa, como uma estratégia engajada de denúncia de uma realidade que atinge inúmeras mulheres, e produzir uma sequência didática aplicável a turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, por considerar urgente discutir essas questões na sala de aula, para debater temáticas sociais relevantes através da arte literária. Neste sentido, participam, igualmente, desta proposta, uma abordagem do referido conto como forma literária e como veículo de um posicionamento ideológico frente à questão da violência contra a mulher e à questão do empoderamento das partes em conflito numa sociedade patriarcal. Trata-se de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e aplicada. Fundamenta-se teoricamente em Beauvoir (1986), que trata da condição da mulher; Cosson (2021), que conceitua o letramento literário e apresenta uma proposta de sequência didática; Gotlib (1999), que discute as diversas modalidades do conto; Schollhammer (2009), que aborda a forma do miniconto e sua presença na literatura contemporânea brasileira, dentre outros.

**Palavras-chave:** Letramento Literário, Miniconto, Violência de Gênero.

### INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, a sujeição da mulher ainda não foi inteiramente superada, embora comportamentos tenham mudado e conquistas tenham sido realizadas ao longo da história, sobretudo nas últimas décadas. Nesta sociedade falocêntrica, a figura feminina sofre com o cerceamento de direitos e outras restrições impostas pela ideologia do patriarcado. As mulheres deviam ser educadas para casar, ter filhos e obedecerem a seus maridos. Segundo Beauvoir (2020, p. 17), “foram os homens que atribuíram às mulheres esse papel maternal,

---

<sup>1</sup> Mestranda do PROFLETRAS da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [josyrraraujo25@gmail.com](mailto:josyrraraujo25@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda do PROFLETRAS da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [alexmariaandrade@hotmail.com](mailto:alexmariaandrade@hotmail.com);

<sup>3</sup> Mestranda do PROFLETRAS da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, [patricia.acopiara@hotmail.com](mailto:patricia.acopiara@hotmail.com)

<sup>4</sup> Professor Doutor da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – [ebs.lettras@gmail.com](mailto:ebs.lettras@gmail.com).

base mesma dessa divisão do trabalho. Papel de maneira alguma nato, mas inculcado pela educação. Exploram as mulheres e elas se deixam explorar em nome do amor”.

Beauvoir questiona a sociedade patriarcal, eleva o problema da mulher a uma questão política e mostra que os papéis atribuídos a ela não são naturais, mas sociais e históricos. Mostra, ainda, como no decorrer da história, os discursos impuseram esse papel à mulher, restringindo-a ao espaço privado e afastando-a da esfera pública. No nosso entender, atuam nesse processo de dominação, não só o sujeito masculino, mas setores da mídia, da classe dominante e certas denominações religiosas propensas ao fundamentalismo.

No miniconto “Para que ninguém a quisesse”, Marina Colasanti trata dessa questão e apresenta uma personagem que vê sua identidade e liberdade serem desconstruídas em face da atitude dominante de seu parceiro. Compreendemos que obras como a dessa autora, sobretudo quando recorrem a narrativas mínimas, impactantes, podem contribuir com a denúncia de tais problemas e com o processo de transformação social.

Segundo Coutinho (1978, p. 9-10), “a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade”. O miniconto, objeto deste trabalho, é transfiguração do real, mas, ao mesmo tempo, leitura crítica, engajada, sobre o real, ainda que sob a forma de ficção.

Feitas essas considerações iniciais, façamos saber que o intuito deste artigo é analisar as ações da personagem feminina do citado conto, as implicações da violência por ela vivida e, por fim, desenvolver uma proposta de intervenção nos moldes sugeridos por Rildo Cosson (2021) para leitura crítica e apreciativa dessa narrativa em turmas do 9º ano do Ensino Fundamental. Este trabalho resulta de pesquisa bibliográfica, qualitativa e aplicada, de caráter propositivo.

### **Uma voz feminina rompendo paradigmas**

A igualdade de gênero, consagrada na Constituição de 1988, ainda é uma forma de luta em curso em nossa sociedade. Em relação ao cânone literário, o destaque e a preferência pela escrita masculina ainda é fato, embora mudanças já sejam visíveis. A literatura de autoria feminina precisou de muita luta e persistência para conquistar espaços nesse ambiente onde, por séculos, tem predominado o homem.

No atual cenário de quebra desses paradigmas encontra-se, entre tantas outras, a escritora ítalo-brasileira Marina Colasanti. Em sua obra predomina o conto, e ela se serve

desse gênero para discutir, entre outros, os temas do universo feminino e seus problemas. Pelo emprego de metáforas e simbologias, suas narrativas recriam personagens femininos com aspirações e nuances próprias, oferecem uma visão crítica sobre ecos do patriarcado ainda sobreviventes e põem em xeque seus valores.

Publicada em 1986, a coletânea *Contos de Amor Rasgado* reúne duzentos e sete minicontos. O conflito, mola propulsora desse gênero narrativo, revela tensões na vida do casal em alguns desses enredos: relacionamentos abusivos e violência patriarcal sempre minimizada na escrita masculina e que agora ganha destaque na voz autoral de quem sabe o que realmente uma mulher sente e sofre. Esse local de fala, de representatividade, é de suma importância para a consolidação dos direitos desse grupo que ainda luta contra o silenciamento que lhe foi imposto. Como veremos, o miniconto em apreço trata do silenciamento, da submissão, da violência e do sentimento de posse que marcam essas relações.

Vejamos como esses temas se apresentam logo no primeiro parágrafo da narrativa:

Porque os homens olhavam demais para a sua mulher, mandou que descesse a bainha dos vestidos e parasse de se pintar. Apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, das gavetas tirou todas as joias. E vendo que, ainda assim, um ou outro olhar viril se acendia à passagem dela, pegou a tesoura e tosquiou-lhe os longos cabelos (COLASANTI, 1986, p. 111).

Como convém a um miniconto, sem rodeios o narrador instala, de imediato, o conflito com seu tom e demarca as posições dos protagonistas. Sem apelarmos para análises gramaticais, não custa nada atentarmos para os verbos que fixam as ações do marido nesse fragmento inicial: “mandou”, “exigiu”, “tosquiou-lhe”. O quadro parece nítido: ela é “sua mulher”, e ele age sobre ela, que se submete às ações sofridas. Os demais parágrafos dessa curta narrativa confirmam essa nossa hipótese de leitura, como veremos.

## **MINICONTO: ANÁLISE DO CONTEÚDO À FORMA**

O gênero conto ganhou espaço cada vez maior no âmbito da produção literária e no polo da recepção, sobretudo em plataformas digitais. Esse fenômeno relaciona-se com as dimensões físicas e estruturais do gênero. Mesmo assim, definir o conto é um tanto difícil pela diversidade de suas características. Trata-se, em geral, de narrativa curta, dotada de intensidade, unidade de tensão, de tom e avessa a digressões.

Apesar de Julio Cortázar (2006, p. 149-151) afirmar que o conto parte da noção de limite físico, considera-o esquivo em seus múltiplos aspectos e de difícil definição. Predomina, porém, entre os teóricos a percepção de que um conto apresenta um núcleo comum que envolve brevidade, concisão, intensidade, tensão e unidade de tom, para se alcançar determinado efeito.

Depois de remontar aos primórdios do conto e referenciar autores como Poe, Tchekhov, Clarice Lispector e outros, Nádia Gotlib (1999, p. 33-76) ressalta, no gênero, a economia dos meios narrativos: “trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido”. Como se vê, a pesquisadora brasileira acosta-se à posição daqueles que, em linhas gerais, privilegiam a brevidade, a unidade de tom e a consequente busca de um efeito apropriado.

Nem sempre é isso, no entanto, o que se observa quando nos detemos em obras isoladas. É o que a pesquisadora assinala ao atentar para o modo moderno de narrar, para o teor fragmentário que busca consagrar o instante temporário (op. cit., p. 55). Gotlib observa, ainda, que nem todo conto narra um só episódio, que o que importa não é o tamanho, mas a contração. Em suma, os procedimentos dos autores e as formas de narrar variam e acabam prevalecendo. A teoria seria um esforço para se estabelecer as linhas de força que definem o gênero, e não a submissão a uma lei.

Próximo da prosa poética e buscando construir uma linguagem mais adequada à vida presente e a novos suportes, o miniconto se consolida na década de 1990. Schollhammer (2009, p. 92-97) aproxima esse gênero da fotografia *snapshot* no propósito de revelar o instante privilegiado. Mais do que isso, vê no apego ao *in media res* um traço de concretude e autossuficiência que consiste em ater-se a uma parte avulsa da realidade. Se, por um lado, há contos que extrapolam o que descreve a teoria, por outro, o miniconto radicaliza ao máximo o propósito oposto: redução da ação narrada, condensação e subtração exaustiva de recursos linguísticos excessivos ou desnecessários.

A escolha do miniconto de Marina Colasanti para estudo em sala de aula se deu não só pela pertinente temática de gênero acima apresentada, mas por reunir as características de uma narrativa curta que talvez ocupe uma zona de fronteira entre o conto e o miniconto, portanto apropriada a uma discussão exaustiva em ambiente escolar.

À época da publicação da coletânea, Marina Colasanti era membro do Conselho Nacional do Direito da Mulher, e o contexto era de ascensão do movimento feminista. Segundo Colasanti (2003, p. 2), “tratava-se de um movimento que lutava pelos direitos das

mulheres, defendia os direitos das mulheres. Era um movimento de mulheres para mulheres”. É preciso, portanto, relacionar a escrita de contos que enfrentam essa temática com essa militância da escritora.

Escrito em terceira pessoa, “Para que ninguém a quisesse” chama a atenção pela forma como é narrado: em apenas seis parágrafos, o narrador nos conta como o marido age para que sua bela mulher deixe de ser objeto do desejo de outros homens. No curto fio narrativo, deparamo-nos com a vaidade feminina, o ciúme do marido, o abuso deste para com sua companheira e o consequente apagamento desta enquanto voz e identidade. No desfecho, opera-se uma espécie de morte simbólica da personagem da mulher.

O título, “Para que ninguém a quisesse”, antecipa ao leitor a finalidade das ações a serem desencadeadas pelo personagem masculino, a partir da expressão “para que”, revelando a intenção deste: reduzir a mulher a um objeto de posse, a uma coisa, de modo que ela deixasse de ser atraente a outros homens. O pronome indefinido “ninguém” revela um sujeito indeterminado e a extensão do objetivo a ser atingido. Já o verbo “querer”, da forma como aparece conjugado, concentra a significação maior desse intuito de negação.

O título do miniconto e o primeiro parágrafo primam não só pela coesão formal, mas pela coerência semântica. Mas as primeiras exigências do marido – descer a bainha dos vestidos e parar de se pintar – parecem não ser suficientes. Ainda no primeiro parágrafo, elas vão além: “apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, da gaveta tirou todas as joias” (Colasanti, 1986, p. 111). O marido, porém, ainda não se dava por satisfeito. Toma mais uma decisão: tosquia-lhe os longos cabelos, ferindo a autonomia da pessoa, a identidade e a estética feminina que, historicamente, conferem ao cabelo papel e significado fundamentais.

Como se vê, o primeiro parágrafo narra as ações que levam o marido a transformar sua mulher em um objeto de sua posse exclusiva. Do segundo parágrafo em diante, não se encontra propriamente uma resposta, uma atitude da mulher. Ela parece aceitar ser uma coisa sem vontade própria. Se há ações levadas a efeito por essa mulher, trata-se de reações passivas que a aproximam de um animal acuado – “esquiva como um gato, não mais atravessava praças. E evitava sair” – ou de objetos: “tão esquiva se fez, que ele foi deixando de ocupar-se dela, permitindo que fluísse em silêncio pelos cômodos, mimetizada com os móveis e as sombras” (Colasanti, 1986, p. 111).

De forma gradativa, a personagem feminina perde sua identidade e sua autonomia. As comparações iniciais, como vimos, a aproximam do reino animal: seu cabelo é tosquiado

como se tosquia a lã, e ela vai se tornando tão esquiva como um gato. Por fim, o processo de reificação a assimila às coisas ao redor: mimetiza o sem-vida dos móveis e das sombras. Observemos que os verbos que tomam essa personagem como sujeito não chegam a se referir a ações propriamente ditas, se comparadas às ações levadas a efeito pelo marido: fluir, desaprender, gostar, agradecer, largar, esquecer.

Sendo o miniconto uma narrativa muito curta, o narrador não confere espaço à voz das personagens. Assim, o protagonista masculino se define pelas ações sem voz, e a personagem feminina resulta destituída de voz e de ações, assim como o são os animais (sem linguagem humana) e as coisas (sem linguagem alguma).

Ainda que sem a extensão e a forma da tragédia grega, a breve narrativa em apreço faz desaguar as ações do marido em uma peripécia – uma reviravolta contrária às expectativas, conforme o descreve Aristóteles (1993). Violentada pelo esposo em termos físicos e psicológicos, a esposa, projetada para ser objeto passivo de seu desejo exclusivo, transforma-se em seu oposto. Não dela, mas do que sentia por ela, o marido sente falta. Tenta, então, voltar atrás, trazendo-lhe adornos para recuperar-lhe a beleza perdida:

Uma fina saudade, porém, começou a alinhavar-se em seus dias. Não saudade da mulher. Mas do desejo inflamado que tivera por ela. Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos (Colasanti, 1986, p. 111-2).

No entanto, os resultados dessa operação inversa são nulos: ela já perdera o ânimo e o desejo de viver: Vejamos, “Mas ela tinha desaprendido a gostar dessas coisas, nem pensava mais em lhe agradecer. Largou o tecido em uma gaveta, esqueceu o batom. E continuou andando pela casa de vestido de chita, enquanto a rosa desbotava sobre a cômoda” (Colasanti, 1999, p. 88-9). Em suma, o miniconto reelabora, esteticamente, aspectos da violência sofrida pelas mulheres: a submissão feminina, o ciúme masculino e a brutal tomada de posse, construindo-se, nesse microcosmo ficcional, uma espécie de metonímia das relações maritais na sociedade patriarcal.

No nosso entender, a forma como o tema da violência contra a mulher é tratado no conto de Colasanti encontra paralelo na perspectiva de Bell Hooks (2018, p. 74), para quem o termo “violência patriarcal” é mais apropriado que “violência doméstica”, pois “a violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva”. Já a definição de “violência doméstica” abrange não só a violência de homens contra mulheres, mas a que envolve relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo e a violência de adultos contra crianças.

Atendo-nos um pouco mais aos aspectos da construção verbal do miniconto, seguem outras considerações: no excerto “apesar disso, sua beleza chamava a atenção, e ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos. Dos armários tirou as roupas de seda, das gavetas tirou todas as joias” (Colasanti, 1986, p. 111), a expressão “apesar disso” reflete a ideia de concessão em relação ao enunciado anterior. O verbo “exigir” manifesta o tom de domínio desse homem e, ao mesmo tempo, revela uma mulher obediente, que vai sofrendo a desconstrução de sua identidade feminina vaidosa através da violência material revelada pelos verbos “eliminar”, “jogar” e “tirar”. Assim, ela é apresentada ao leitor pela identificação do vestuário em “bainha dos vestidos”, “decotes”, “sapatos de saltos altos”, “roupas de seda” e “joias”. Esses elementos mostram parte da caracterização da mulher não só como vaidosa, mas como de classe média. Ainda assim, parece depender inteiramente do marido e, por isso, não reage a suas investidas.

A estratégia inicial do sujeito ativo não foi suficiente para a desconstrução da beleza de sua parceira. O emprego do verbo “tosquiar”, ainda no primeiro parágrafo, revela o ápice da violência cometida contra a mulher. Esse verbo significa cortar a lã de animais. Portanto indica ação invasiva, posse, como se a mulher fosse um ser irracional, indefeso, desprovido de querer próprio, de emoções e de voz.

A expressão “podia viver descansado”, que aparece no segundo parágrafo, indica o êxito (ainda que provisório) de um homem que finalmente exerceu domínio sobre o outro – sua companheira. Os verbos “atravessar” e “evitar”, conjugados no pretérito imperfeito do indicativo e empregados, normalmente, para se referir a um fato inacabado ocorrido no passado, antecedidos da expressão “não mais” referem-se a um passado concluído e indicam a reclusão da mulher, doravante, no mundo privado da casa.

O termo “esquiva”, empregado no terceiro parágrafo, nos remete ao sentido de quem se desvia dos ataques do adversário, sem, no entanto, anular os seus efeitos. Assim, a posse e o controle reiteram-se com o emprego dos verbos “ocupar”, “deixar” e “permitir” de forma gradativa até a mulher passar a equivaler a coisas sem vida como “móveis” e “sombas”. O termo “mimetizada” sugere ocultamento, imitação, disfarce. Tornar-se sombra ou imitar móveis sem vontade própria era a maneira de esquivar-se do marido, anular-se e sobreviver sem vida.

Na sequência, deparamo-nos com uma metáfora no uso do verbo “alinhar-se”, que se refere à saudade que o marido passou a sentir, não da mulher, mas do desejo que nutria outrora por ela. Esse verbo pode ser interpretado, aqui, no sentido de “recomeçar”, “reparar”. Era preciso reparar o dano da perda do desejo. A conjunção adversativa “porém”, que indica a

quebra da expectativa na narrativa, e o verbo “começar”, no pretérito perfeito do indicativo, mostram o início da já mencionada reviravolta na trama. Uma verdadeira peripécia se opera: se os outros homens deveriam deixar de desejar aquela mulher, o marido é que perdera o desejo por ela.

As ações do marido, na tentativa de reaver seu desejo – trouxe-lhe um batom, um corte de seda, uma rosa de cetim – revelam-se infrutíferas. Recorrendo mais uma vez a Beauvoir, parece-nos correto afirmar que, no conto de Colasanti, mimetiza-se esse duplo movimento que se pretende controlado pelo homem:

Na mulher enfeitada, a Natureza está presente mas cativa, moldada por uma vontade humana segundo o desejo do homem. Uma mulher é tanto mais desejável quanto mais se acha nela desabrochada e escravizada a Natureza; a mulher "sofisticada" é que sempre foi o objeto erótico ideal. (Beauvoir, 2019, p. 222).

Mas aqui, na ficção de que nos ocupamos, a morte simbólica da mulher já era fato consumado: ela não gostava mais daquelas coisas que antes lhe davam vida. O miniconto se encerra com a imagem da rosa de cetim que desbota sobre a cômoda – uma construção que inverte a metáfora romântica da mulher como rosa. Nessa narrativa, como em outras, uma rosa é dada a uma mulher, mas agora para significar o oposto do gesto do amor idealizado.

A proposta de sequência básica de Rildo Cosson (2021), ela envolve os seguintes passos: motivação, introdução, leitura, interpretação. A que apresentamos a seguir se destina a turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e tem como objetivo construir condições para que a leitura crítica e apreciativa da literatura se dê em sala de aula, observando-se a análise de aspectos formais e temáticos indissolúvelmente.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PARA TURMAS DE 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL COM MINICONTO DE  
MARINA COLASANTI

CONTEÚDO	MINICONTO
OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ler e compreender a estrutura do gênero miniconto e os elementos que compõem essa forma narrativa;</li> <li>- Pesquisar sobre a trajetória da escritora Marina Colasanti;</li> <li>- Ampliar o repertório de leitura e análise crítica dos alunos;</li> <li>- Selecionar, por fim, um dos minicontos para o trabalho mais detido de análise crítica e apreciativa;</li> <li>- Refletir sobre a temática da violência patriarcal.</li> </ul>



TEMPO ESTIMADO	7 aulas de 50 minutos
RECURSOS	Datashow, computador, caixa de som, papel A4 com os minicontos impressos, lápis, caderno.
AValiação	Avaliação dialogada, através de discussões com os alunos, observando se conseguiram realizar uma leitura crítica e apreciativa da obra proposta.

### 1º MOMENTO: MOTIVAÇÃO

Esse é o momento de preparar e incentivar os alunos a participarem da reflexão sobre a temática a ser abordada. Dessa forma, prepare o ambiente, apresente a proposta de aula juntamente com os objetivos e deixe os alunos à vontade para interagir com você e com os colegas acerca dos conhecimentos sobre o tema.

Inicialmente, organize os alunos em círculo para exibição da canção:

- Ao som da música “Você me vira a cabeça”, cantada por Alcione, apresente imagens de manchetes de jornais com estatísticas sobre violência doméstica; fotos de mulheres que sofreram violência e de mulheres empoderadas; texto da Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, impressa, e uma fotografia de Maria da Penha;
- Peça aos alunos que comentem suas percepções acerca das imagens;
- Pergunte se eles já viram imagens ou cenas como essas, deixando-os à vontade para compartilharem as ideias e se posicionarem sobre o assunto;
- Apresente a eles entrevistas de Maria da Penha. Disponível nos respectivos endereços eletrônicos: <https://www.youtube.com/watch?v=TRSfTdaBbvs>, <https://www.youtube.com/watch?v=KZXsPc-iSJM>, acesso em 11/12/22.
- Em grupo, estimule-os a estabelecerem relação entre a música, as imagens e a entrevista.

### 2º MOMENTO: INTRODUÇÃO

Esse segundo momento é proposto para a apresentação da autora e do gênero, relacionando aspectos das obras a serem trabalhadas.

- Discorrer sobre o gênero literário miniconto;
- Apresentar a trajetória literária de Marina Colasanti, utilizando-se de biografias extraídas de obras da escritora expostas numa mesa, onde cada grupo escolhe uma e destaca os aspectos mais significativos de sua carreira literária.
- Perguntar aos alunos se eles já leram algum conto ou narrativa de outro gênero que tematize a violência contra a mulher. Se a resposta for positiva, pedir para socializar as impressões da leitura com o grupo.



### 3º MOMENTO: LEITURA

Após o momento de motivação, de reconhecimento do gênero literário miniconto e pesquisa sobre a escritora, agora é o momento da leitura efetiva do miniconto “Para que ninguém a quisesse”, criando-se condições para que seja feita uma leitura crítica e apreciativa dessa narrativa. É importante estimulá-los a participar dessa atividade. Cabe ao professor mediar o envolvimento de toda a turma;

- Expor apenas o título do texto no quadro para que os alunos façam predições sobre como imaginam aquela história;
- Distribuir o texto impresso para leitura silenciosa e, a seguir, coletiva;
- Questionar os alunos sobre como eles imaginam o desfecho do conto.

### 4º MOMENTO: INTERPRETAÇÃO

Esse momento é destinado às estratégias de análise e interpretação do miniconto. Após a leitura, abra espaço para os comentários dos alunos a respeito do texto lido e construa, coletivamente, a análise e interpretação da forma e do conteúdo da narrativa, sem perder de vista a concepção metodológica de que forma e conteúdo são indissociáveis.

- Questões para análise e interpretação do miniconto como atividade conjunta:

1. Discuta as características do gênero miniconto.
2. O que difere o conto de um miniconto? Descreva.
3. Após a leitura do miniconto “Para que ninguém a quisesse”, comente se suas hipóteses sobre o título se confirmaram ou não, após a leitura.
4. Qual a relação do título com a história?
5. Identifique os elementos da narrativa (narrador, personagens, espaço, tempo, situação inicial, conflito, clímax e desfecho). Discuta com os alunos se todos esses elementos estruturantes aparecem, de fato, nessa narrativa. Destaque o parágrafo (ou parágrafos) onde eles aparecem.
6. A escolha das palavras é muito importante para a produção de sentidos de um texto. Qual a função dos verbos de ação na construção do conflito entre os personagens do miniconto?
7. Numa leitura atenta, podemos identificar o uso de algumas expressões para caracterizar os personagens. O que essas expressões podem revelar quanto à condição masculina e feminina desses personagens?

8. Releia o fragmento “ele foi obrigado a exigir que eliminasse os decotes, jogasse fora os sapatos de saltos altos.” Como você analisa a relação de poder entre marido e mulher representada na trama? Você acha que essa mulher vive plenamente sua condição de sujeito?
9. A leitura atenta do miniconto nos faz ver que, mesmo o marido tendo seus caprichos atendidos, ele ainda não estava satisfeito. Então, sem sucesso, decidiu “reconstruir” sua esposa. Porque ele não foi bem-sucedido?
10. O narrador da história apresenta uma mulher que sofre calada, assim como tantas outras mulheres vítimas de violência que os noticiários denunciam diariamente ou de que tomamos conhecimento em nossa comunidade. Quais os tipos de violência narrados no miniconto?
11. Que relação se pode estabelecer entre a narrativa em análise e a canção “Você me vira a cabeça”, cantada por Alcione?

#### 5º MOMENTO: AVALIAÇÃO

#### SUGESTÃO PARA PROPOSTA DE LEITURA

Para outro momento de leitura a análise de minicontos, apresente aos alunos a proposta de atividade “Minicontos coloridos”, disponível no site <http://www.literaturadigital.com.br/minicontoscoloridos/> e desafie-os à leitura e interpretação, observando a forma e o conteúdo desse gênero literário.

#### REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. vol. I. Fatos e Mitos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **Os mitos**. In: BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRASIL. **Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006**, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 11 de dezembro de 2022.

COLASANTI, Marina. **Contos de Amor Rasgados**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

CORTÁZAR, J. “Alguns aspectos do conto”. In: **Valise de cronópio**. Tradução. Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COUTINHO, Afrânio. **Que é literatura e como ensiná-la. Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FONSECA, André. Letras Femininas, Marina Colasanti fala sobre literatura, vida, amor e feminismo. **Revelação (jornal-laboratório do curso de comunicação Social da Universidade de Uberaba)**. Uberaba, n. 245, p. 2, maio de 2003. Disponível em: <https://archive.ph/2eN7n>. Acesso em: 11 de dezembro de 2022.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MULHERES MIX. **Escritora Marina Colasanti - PARTE 1**. Youtube, 17 de setembro de 2019. 1 vídeo (8min28seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jJELKgy6IgU>. Acesso em: 06 de dezembro de 2022.

PROGRAMA DO PORCHAT. **Maria da Penha conta sua história de vida e relembra agressões**. Youtube, 2018. 1 vídeo (5min8seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KZXsPc-iSJM>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022.

POE, Edgar Allan. **Filosofia da composição**. Trad. Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SPALDING, Marcelo. **Miniconto Colorido. Literatura Digital**. Disponível em: <http://www.literaturadigital.com.br/minicontoscoloridos/>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022.

SPALDING, Marcelo; MELLO, Ana. **MINICONTOS**. Disponível em: <http://www.minicontos.com.br>. Acesso em: 14 Nov. 2020.

TEDX TALKS. **TEDxFortaleza - Maria da Penha - Uma história de vida!** Youtube, 14 de outubro de 2012. 1 vídeo (16min24seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TRSfTdaBbvs>. Acesso em: 11 de dezembro de 2022.

VALTINHO. **15 - ALCIONE - VOÇÊ ME VIRA A CABEÇA** [HD 640x360 XVID Wide Screen].avi. Youtube, 8 de junho de 2012. 1 vídeo (5min4seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=QN\\_EoeXVCuo](https://www.youtube.com/watch?v=QN_EoeXVCuo) Acesso em 06 de dezembro de 2022.